

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE RESIDÊNCIA DOCENTE

Rosangela Weber Da Silva Berto

DIÁRIO DE UMA RESIDENTE: CARTAS AO LEITOR

Juiz de Fora
2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE RESIDÊNCIA DOCENTE

Rosangela Weber Da Silva Berto

DIÁRIO DE UMA RESIDENTE: CARTAS AO LEITOR

Trabalho de Formação docente apresentado ao Programa de Formação Docente da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Residência Docente.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Núbia Aparecida Schaper Santos

Juiz de Fora
2019

“Não sei... se a vida é curta ou longa demais pra nós, mas sei que nada do que vivemos tem sentido, se não tocamos o coração das pessoas. Muitas vezes basta ser colo que acolhe, braço que envolve, palavra que conforta, silêncio que respeita, alegria que contagia, lágrima que corre, olhar que acaricia, desejo que sacia, amor que promove. E isso não é coisa de outro mundo, é o que dá sentido à vida. É o que faz com que ela não seja curta, nem longa demais, mas que seja intensa, verdadeira pura... enquanto durar. ”

(Cora Coralina)

AGRADECIMENTOS

Pela oportunidade de realização deste projeto, me dando saúde e sabedoria para concluir mais esta etapa, minha gratidão a Deus!

À minha família, marido e filhas pela compreensão nos momentos de estresse e pelo incentivo para que não desistisse dos meus planos de prosseguir em frente e conquistar nossos objetivos.

Aos coordenadores, supervisores e professores do programa de Residência Docente por contribuírem para nossa pós-graduação de maneira tão excelente e colaborativa.

A comunidade escolar da E. M. Professor Carlos Alberto Marques por me receberem de braços abertos e cooperarem de forma efetiva para minha formação como professora da Educação Infantil. Em especial à diretora Alexsandra Zanetti e à professora Patrícia Assis Vaz de Mello.

Agradeço a Pró-Reitoria de Graduação da Universidade Federal de Juiz de Fora pelo Programa Residência Docente nos moldes em que foi implementado e pelo investimento feito em nossa carreira acadêmica.

A Profa. Dra. Núbia Schaper por aceitar o desafio da orientação do Trabalho Final Docente apesar de todas as suas responsabilidades e compromissos dentro e fora da Faced/UFJF.

Ao Prof. Dr. Jader Janer Moreira Lopes por fazer parte da banca de defesa do Trabalho de Formação Docente.

A todos: minha eterna gratidão!

Resumo

Este trabalho tem por objetivo narrar as vivências no Programa de Residência Docente a partir dos atravessamentos que essas vivências e experiências trouxeram para a formação docente e os modos de constituição da docência na Educação Infantil. Em que pese o fato de as crianças pequenas terem ganhado visibilidade no contexto das políticas públicas, é preciso clareza em relação à educação que queremos para elas. Recorremos à lente epistemológica da Teoria Histórico Cultural, a partir do conceito de vivência discutida por Vigotski para analisar os sentidos produzidos sobre a formação docente. Além disso, refletimos a formação inicial e continuada, a partir das contribuições de Tardif. O campo de produção dos dados se inscreve em atividades desenvolvidas em uma escola pública de Educação Infantil da rede de ensino do município de Juiz de Fora/MG. A escrita em forma de narrativa foi elencada com a intenção de aproximar o leitor da vivência deste percurso formativo, circunscrito ao processo de constituição da docência na/da Educação Infantil.

Palavras-Chaves: Residência Docente; Vivência; Educação Infantil.

Summary

This work aims to narrate the experiences in the Teacher Residency Program from the crossings that these experiences brought to teacher training and the ways of constituting teaching in Early Childhood Education. In spite of the fact that young children have gained visibility in the context of public policies, there is a need for clarity in relation to the education we want for them. We use the epistemological lens of Cultural Historical Theory, based on the concept of experience discussed by Vigotski to analyze the meanings produced about teacher education. In addition, we reflect the initial and continuing education, based on Tardif's contributions. The field of data production is part of activities developed in a public school of Early Childhood Education in the city of Juiz de Fora / MG. The writing in the form of a narrative was listed with the intention of bringing the reader closer to the experience of this formative path, circumscribed to the process of constitution of teaching in / of Early Childhood Education.

key words: teaching residence; experience; child education

SUMÁRIO

Introdução.....	8
1. Encontros/desencontros: afinal, o que faz um residente no âmbito da escola?.....	13
1.1 Pistas para a constituição da docência na Educação Infantil.....	16
1.2 O desejo, as professoras, a arte.....	18
2. Reflexões teóricas das vivências como residente.....	28
2.1. Vivenciar significa viver.....	30
Considerações Finais.....	38
Referências.....	40

Introdução

“De tudo ficaram três coisas: a certeza de que estava sempre começando, a certeza de que era preciso continuar e a certeza de que seria interrompido antes de terminar.

Fazer da interrupção um caminho novo, fazer da queda, um passo de dança, do medo, uma escada, do sonho, uma ponte, da procura, um encontro”.

(Fernando Sabino)

Iniciar a escrita de um trabalho acadêmico não é das tarefas mais fáceis. Muitas vezes, a palavra não consegue dar conta da infinidade de sentimentos que atravessam uma formação docente. Por isso, escolhi narrar essa experiência pedagógica no Programa de Residência Docente da Universidade Federal de Juiz de Fora¹, desde 2019, a partir de uma escrita na primeira pessoa do singular. Essa foi a forma que encontrei para me aproximar do vivido e também para comunicar ao leitor/leitora desse trabalho as minhas construções/reflexões.

Inauguro essa narrativa a partir do poema de Fernando Sabino. Este poema fala de sonhos, incertezas, procuras, encontros e caminhos. Arrisco a dizer que as palavras de Sabino ilustram a minha trajetória.

Desejo compartilhar o que foi para mim uma experiência singular, não sem conflitos, questionamentos e desencontros, que se inicia antes mesmo do ingresso no Programa e que se inscreve com a minha escolha por ser professora.

Pelo incentivo da minha família busquei um curso superior, visto que era um desejo antigo de realização pessoal aliado a necessidade de ter maiores possibilidades de mobilidade social e econômica. Durante a juventude e pelas circunstâncias da vida, não pude realizar esse sonho. A partir de minha inserção em um curso pré-vestibular social e com o encorajamento suscitado pelo conselho de uma pessoa muito especial que, na ocasião, era a minha patroa, Dona Cícera, retomei os estudos. Trabalhei durante 6 anos

² Trata-se de um programa pioneiro de formação docente continuada da Universidade Federal de Juiz de Fora, que foi inaugurada em 2019. É possível consultar o Programa de Residência Docente a partir da página institucional: <http://www.ufjf.br/residenciadoceinte/documentos/> e também pela rede social Instagram, no endereço: @rdocenteufjf.

nesta casa, e Dona Cícera tinha preocupações com o meu futuro, foi uma incentivadora da minha conquista futura e tardia, contudo realizável.

Foi uma decisão muito complexa, visto que a idade era um fator de peso neste momento. Minha história começa há alguns anos atrás, quando decidi fazer um curso superior, com uma pausa de 25 anos após o Ensino Médio, que nesta época não tinha esta nomenclatura, chamava-se “Segundo Grau” ou “Científico”.

Iniciei a graduação em Pedagogia em 2011, no Rio de Janeiro na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Mas, infelizmente, alguns problemas aconteceram e foi necessário trancar a matrícula. Em 2015, consigo retomar a graduação, agora morando em outra cidade. Continuei o curso em Barbacena, na Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG.

Durante o percurso acadêmico não me defini em uma escolha por uma área específica da Pedagogia, pois tudo era novidade para alguém que há muito tempo estava afastada dos estudos. Precisei me readaptar ao contexto e reaprender a pesquisar, escrever e expressar os pensamentos de maneira clara e objetiva. Tudo era muito interessante e de vital importância numa perspectiva educacional abrangente.

Entretanto, no último período, fui tomada por um tema. A partir da disciplina “Políticas Públicas Educacionais”, meu foco foi norteado para uma área mais específica da Pedagogia, a Pedagogia Social, pelas discussões se inscreverem na perspectiva da Educação para a Cidadania. Meu interesse por esta educação parte de uma vivência voltada para área de projetos sociais viabilizados pela participação da minha escolha em relação à religião a qual pertence minha família. Sempre estive envolvida em ensino religioso, e percebi, pelo cunho das discussões, que por meio da Pedagogia Social haveria possibilidade de interlocução com as dimensões do ensino religioso.

Do momento do término de minha graduação, quando geralmente estamos buscando uma identidade profissional, surgiu a oportunidade de inscrição no edital do Programa de Residência Docente da UFJF.

A estrutura disciplinar montada para o Programa de Residência Docente foi pensada de modo a contemplar fatores essenciais para aproximar os residentes do contexto educacional atual. Os desafios da educação especial e inclusiva foram apresentados e trabalhados pelos professores da disciplina “Educação Especial na Perspectiva da Inclusão”. A atualidade do ensino virtual e, por vezes a distância, nos foi apresentado pela disciplina “Tecnologias no Processo de Ensino e Aprendizagem”. A questão dos direitos humanos que importa na construção de uma educação baseada no

respeito a diversidade e a ética foram trabalhadas pelos professores da disciplina “Direitos Humanos, Diversidade e Ética”. A disciplina “Seminários da Educação Básica e Contemporânea” nos proporcionou momentos de interação com pesquisadores e professores de universos variados de experiências acadêmicas que corresponderam nossas expectativas e nos deu uma nova visão do que é, de fato, estar envolvido em uma pesquisa. Acrescento a esta lista a disciplina “Pesquisa e Saberes na/da Prática Docente” e seus professores que nos ensinaram a importância de uma prática docente colaborativa e o compartilhamento de saberes para uma educação de qualidade.

Em abril de 2019, iniciei as atividades no Programa de Residência Docente, após um processo seletivo de três fases, em que apenas 11 residentes de diferentes Licenciaturas foram selecionados e vinculados ao programa. São 10 residentes atuando em seus respectivos espaços de inserção escolar, o Colégio de Aplicação João XXIII, e eu, numa escola de Educação Infantil, a escola municipal Professor Carlos Alberto Marques.

É importante destacar o fato da área de Educação Infantil ter sido contemplada no Programa, por dois motivos: a) porque houve um esforço nesta direção uma vez que o Colégio de Aplicação não possui esse segmento da Educação Básica, o que fez com que as atividades de campo fossem realizadas em uma escola pública municipal e b) porque a visibilidade da Educação Infantil é uma luta histórica no campo das Políticas Públicas e da produção acadêmica. Ao mesmo tempo, esse fato trouxe implicações para o meu percurso formativo, o que pretendo analisar em outro momento deste trabalho.

O encontro com a Educação Infantil foi inusitado e tecido a partir de minha inserção como residente pedagógica. Pude construir uma concepção importante sobre a área a partir de leituras como a de Barbosa (2010, p. 02), quando a autora nos diz sobre as três funções principais da Educação Infantil:

Função social — Acolher, para educar e cuidar, crianças entre 0 e 5 anos, compartilhando com as famílias o processo de formação da criança pequena em sua integralidade. As creches e pré-escolas cumprem importante papel na construção da autonomia e de valores como a solidariedade e o respeito ao bem comum, o aprendizado do convívio com as diferentes culturas, identidades e singularidades. **Função política** — Possibilitar a igualdade de direitos para as mulheres que desejam exercer o direito à maternidade e também contribuir para que meninos e meninas usufruam, desde pequenos, de seus direitos sociais e políticos, como a participação e a criticidade, tendo em vista a sua formação na cidadania. **Função pedagógica** — Ser um lugar privilegiado

de convivência entre crianças e adultos e de ampliação de saberes e conhecimentos de diferentes naturezas. Um espaço social que valorize a sensibilidade, a criatividade, a ludicidade e a liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais.

No Brasil, a Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988) anunciou um novo caminho para as políticas públicas para a Educação Infantil, quando iniciou o processo de transferência da responsabilidade de educação e cuidado da primeira infância para o campo da Educação. A Constituição Federal de 1988 introduziu um marco regulatório, ao estabelecer políticas públicas universais, trazendo em seu bojo a concepção de criança cidadã e sujeito de direitos, dentre eles, o direito à educação. Um importante capítulo da história da Educação Infantil é escrito a partir da publicação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9394/96 (BRASIL, 1996) que regulamenta a Educação Infantil como uma etapa de ensino integrante da Educação Básica, prevendo a inserção de bebês (0 a 18 meses), de crianças bem pequenas (19 meses a 3 anos e 11 meses) e de crianças pequenas em creches (0 a 3 anos de idade) e pré-escolas (4 e 5 anos)².

Ao colocar a creche como direito no campo da Educação, estamos evidenciando e demarcando essa instituição como um espaço educativo, o que exige uma proposta educacional coerente com os princípios das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (BRASIL, 2009a) e das Diretrizes Curriculares Nacionais de Formação de Professores (BRASIL, 2015), que demarcam os princípios constituintes da Educação Infantil e asseguram a formação mínima dos profissionais que trabalham com a Educação Básica, ressaltando a necessidade e a relevância da formação inicial e continuada dos professores. O direito à creche também implica discussões sobre os profissionais que atuam nessa etapa e sua necessária valorização e inclusão nos direitos conquistados pelos (as) profissionais da Educação Básica.

Em que pese o fato de as crianças pequenas terem ganhado visibilidade no contexto das políticas públicas, é preciso clareza em relação à educação que queremos para elas. Ao considerar as discussões sobre a educação na atualidade, compreende-se que a educação destinada às crianças de 0 a 5 anos vem sendo reconhecida em diversas esferas da sociedade. Esse reconhecimento demanda debates sobre temas como formação e condições de trabalho dos docentes, currículo e propostas pedagógicas, parâmetros de

² Alguns documentos publicados pelo MEC utilizam uma diferenciação na nomenclatura para se referir aos bebês, crianças bem pequenas e crianças pequenas. O agrupamento aqui considerado segue o estabelecido no documento coordenado por Maria Carmen Silveira Barbosa intitulado "Práticas cotidianas na Educação Infantil- Bases para a reflexão sobre as orientações curriculares (BRASIL, 2009b).

infraestrutura, qualidade e avaliação, financiamento, entre outros (ARAÚJO, MACÁRIO, SANTOS, 2019)

A partir desse encontro, fui compreendendo como o contexto histórico em que as creches e pré-escolas se constituíram no Brasil influenciou as noções de criança e infância que temos na atualidade. Muito do que estudei no Curso de Pedagogia fez bastante sentido neste momento, em que pude aprofundar as leituras e, principalmente, fazer uma imersão numa escola de Educação Infantil. A partir disso, pude compreender o que significa o cotidiano institucional, a importância de um trabalho com base na perspectiva coletiva e democrática, o lugar da docência e a riqueza da relação adulto-criança.

Com as lentes epistemológicas da psicologia histórico-cultural, alicerçada por Vigotski e colaboradores, empreendi um olhar para as transformações ocorridas pela formação docente a partir do Programa de Residência Docente. Escolhi trazer o modo como aconteceu a constituição da professora de Educação Infantil a partir do meu olhar em diálogo com o que recolhia da minha imersão no campo. E escolho o conceito de vivência em Vigotski para tecer as minhas reflexões.

Neste sentido, este trabalho tem por objetivo narrar as vivências no Programa de Residência Docente a partir dos atravessamentos que essas vivências e experiências trouxeram para minha formação docente e os modos de constituição da docência na Educação Infantil.

Não podia imaginar, naquele começo, por onde a vida me levaria, mas com coragem e disposição, acredito que esta formação continuada me levará por caminhos e experiências que nunca pensei que seriam possíveis.

1. Encontros/desencontros: afinal, o que faz um residente no âmbito da escola?

A inserção na Residência Docente iniciou-se com grande expectativa, não somente minha e de meus colegas, mas também institucional. Isso porque essa é a primeira experiência da Universidade Federal de Juiz de Fora com a Residência Pedagógica, que têm contornos próprios, com diferenças da proposta oferecida em 2017, no governo Temer. A UFJF continuou aderindo ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, no nível da graduação e rejeitou a Residência Pedagógica por compreender que se trataria de precarização e desvalorização do trabalho docente.

Por isso, a UFJF elaborou uma proposta condizente com o Projeto Político Institucional de formação, que busca fortalecer os laços entre a Educação Básica e o Ensino Superior de maneira crítica, democrática e colaborativa.

O início do curso contou com disciplinas sobre a Educação Brasileira, o cotidiano das escolas, a formação docente e também com a imersão no Colégio de Aplicação João XXIII, unidade acadêmica da UFJF. Concomitantemente, fomos apresentados aos coordenadores das nossas áreas e já iniciamos a imersão acompanhando professores e professoras da instituição. No meu caso, como a imersão seria na Educação Infantil, fui destinada a uma escola do município porque o Colégio de Aplicação não contempla esse segmento da Educação Básica.

Confesso que isso trouxe alguns elementos que impactaram o meu percurso na Residência Docente. Isso porque, por muitos momentos, eu me sentia uma “estranha naquele ninho”. Observei que havia um grupo coeso de residentes, que partilhavam dos mesmos desafios e que eu não me encontrava nesse grupo. O sentimento de pertença foi se construindo, mas não sem uma dose considerável de sofrimento, dúvidas, e em alguns momentos, o desejo de inclusive desistir.

A chegada à Escola Prof. Carlos Alberto Marques³ foi um processo difícil. Senti que a teoria precisa estar mesmo em diálogo com a prática e vice-versa porque caso contrário, nos sentimos impotentes para enfrentar o inusitado do ato pedagógico. Em meio a tantas novidades, naquele momento comecei a pensar sobre os saberes/fazeres necessários à constituição docente para lidar com crianças pequenas em contextos coletivos de educação, neste caso, a escola de educação infantil. Na graduação, vimos

³ O que você sabe da escola. Trata-se de uma escola localizada no bairro São Pedro, em que também se localiza a UFJF. Em decorrência disso, a escola já tem o hábito de receber muitos estagiários, bolsistas e projetos de diferentes cursos.

muitos conteúdos referentes a muitas áreas. Em geral, com pouco aprofundamento. Neste sentido, sentia que não tinha conhecimento suficiente para estar ali e, por vezes, pensava sobre qual seria a melhor resposta para dar às inquietações de algumas crianças, entre outras situações.

De abril até setembro fiquei flutuando nos espaços da escola. Ao contrário dos meus colegas residentes, que faziam o acompanhamento em uma turma, eu ainda não havia me encontrado naquele lugar. Por isso, os primeiros meses foram de observação de todo o funcionamento da escola. Estive em todos os espaços que me cabiam e pude observar de vários ângulos as práticas da sala de aula. Digo isso porque passei por quase todas as salas da Educação Infantil e do 1º ano do Ensino Fundamental.

Distante um pouco dessa imersão, posso afirmar que no começo foi um pouco desconfortável para mim e talvez tenha sido também para as professoras, pois não havia muita clareza das minhas atribuições como residente. A palavra ainda soava estranho. Afinal, o que faz um residente no âmbito da escola? Entre as crianças, ainda me perguntava se seria ali o lugar do meu desejo. Ainda não me via como uma docente da Educação Infantil e me perguntava se esse desejo já deveria estar ali para que eu pudesse conhecê-lo ou tomar consciência dele. Julguei que a residência docente pudesse ser o espaço para o aprofundamento de uma prática e que o desejo de ser professora da Educação Infantil devesse ser a prerrogativa para ser selecionada para o curso. E, por vezes, me sentia culpada por não me encontrar tomada por esse desejo, como alguém que já soubesse o que queria e por isso estava ali. Seria a Residência Docente a possibilidade para se descobrir o que não se quer?

Ao entrar na escola, não havia uma definição clara sobre quem seria a professora ou a sala de aula a ser acompanhada. Isso porque a professora sugerida pela direção, pediu afastamento para terminar o mestrado. Em decorrência disso, aproveitei para explorar outros espaços da instituição escolar.

Acredito que foi o melhor estágio de gestão escolar que tive a oportunidade de fazer após a formação inicial. Pude compreender os desafios da gestão em escola pública de Educação Infantil. Fui recebida pela diretora, Alexandra Zanetti, que se apresentou bastante colaborativa ao compartilhar os enfrentamentos de sua prática como gestora escolar. Fui orientando o olhar para as miudezas do cotidiano, o que propiciou também uma visão ampla da administração, que possui a dimensão burocrática, mas essencialmente a dimensão humana.

Se por um lado, não havia ainda a definição da turma que eu acompanharia, por outro, pude me aplicar à leitura de livros da biblioteca da escola, cujo tema era a Educação Infantil. Se naquele momento eu me sentia um tanto perdida sobre as atividades de um residente, hoje percebo que o tempo dessa indefinição me permitiu conhecer mais sobre a área e a própria instituição. Como o meu olhar estava flutuante, pude me ater a elementos que talvez não fossem possíveis de serem vistos se o olhar estivesse concentrado em um tema ou no cotidiano de uma sala. Fiz a leitura de documentos oficiais tanto da perspectiva nacional quanto dos documentos orientadores do município sobre a Educação Infantil. Esta atividade a qual me propus complementou o aprofundamento de algumas questões estudadas durante a graduação e ampliou o conhecimento sobre políticas públicas educacionais.

Hoje, ao se discutirem as políticas sob a ótica da qualidade e da identidade da Educação Infantil, evidencia-se que, a partir das lutas históricas, dos debates, dos embates, foram estabelecidos contradições e consensos. Sabemos que a expansão dessa etapa não pode prescindir da qualidade do trabalho nas instituições de educação. Campos (2011, p. 220) ressalta, por exemplo, que

a) essa etapa educativa é orientada por uma especificidade, decorrente da própria natureza dos processos educativos desenvolvidos com e para as crianças pequenas; b) educar e cuidar, tomados de modo indissociável, constituem-se como núcleos estruturantes tanto das propostas curriculares quanto da prática docente em creches e pré-escolas; e c) o trabalho pedagógico desenvolve-se em relação de complementaridade com as práticas educativas e de socialização desenvolvidas pelas famílias.

Uma extensa produção acadêmica, assim como diversas publicações do Ministério da Educação constituídas por documentos orientadores (Política Nacional de Educação Infantil: pelo direito das crianças de zero a seis anos à Educação, Parâmetros Básicos de Infraestrutura, Indicadores de Qualidade na Educação Infantil, entre outros) e alguns mandatórios, como é o caso das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, vêm trazendo pontos em comum sobre as concepções de cuidado e educação das crianças pequenas. Campos (2011) enfatiza que, nesse processo de produção do conhecimento e também de produção de políticas, interpelam-se, relacionam-se, produzem-se influências, disputas e consensos. Tudo isso constitui o que a autora denomina de "identidade da Educação Infantil". Também é preciso pesar que as orientações legais e os documentos mandatórios por si sós não garantem uma ação efetiva

de mudanças de concepções, pois é necessário considerar que os municípios são os responsáveis legais pela oferta e pela gestão da Educação Infantil.

É possível percebermos que o campo legal que regula a Educação Infantil no Brasil se constitui de avanços, de retrocessos e de contradições. Campos (2013) afirma ser inegável o avanço nas políticas e a significativa expansão das matrículas na Educação Infantil, mesmo que o acesso a essa etapa não tenha ocorrido de forma igualitária entre a população. Na realidade, o aspecto democratizante da política de expansão da Educação Infantil é apenas o primeiro passo.

Nesse contexto, observa-se um movimento que se desloca das preocupações com a democratização do acesso para questões que envolvem a qualidade da educação. Campos (2013, p. 26) alerta que refletir sobre a qualidade da educação é debater sobre um conceito relativo que "implica situar os diversos discursos sobre a qualidade, identificando quem fala e de onde fala. Implica reconhecer que existem conflitos e disputas na definição do que seja qualidade da educação".

1.1 Pistas para a constituição da docência na Educação Infantil

A partir da imersão nos documentos que orientam as práticas pedagógicas fui construindo uma imagem da docência na Educação Infantil e percebendo várias nuances dessa profissão. A primeira delas é que a dimensão da subjetividade humana é crucial. Há saberes que orientam os fazeres e que não estão dados nos manuais acadêmicos porque trata-se de uma constituição que extrapola o âmbito da formação. No entanto, pode ser a formação um disparador para a sensibilidade necessária quando dizemos da docência com/para crianças. Ficava ali a observar o que faz uma professora agir de determinada maneira e tão diferente de outra. Uma possibilidade de pensar sobre isso é trazendo o conceito de Vigotski sobre vivência. É certo que há várias interpretações para esse conceito: “vivência é uma unidade na qual se representa, de modo indivisível, por um lado, o meio, o que se vivencia – a vivência está sempre relacionada a algo que está fora da pessoa –, e, por outro lado, como eu vivencio isso. (VIGOTSKI, 2018, p. 78). Sem a pretensão de entrar na discussão conceitual, epistemológica, por enquanto, a formulação de Vigotski me ajudou a pensar sobre isso.

Compreendi também a palavra tão circulada nos documentos sobre o protagonismo da criança na construção do conhecimento. Até a inserção na escola, com as professoras e as crianças, eu achava certo exagero nas concepções que diziam sobre a necessidade de partir do interesse das crianças. Talvez eu estivesse dentro da formulação corriqueira do senso comum que acredita que deve ser o adulto o único a conduzir o processo com a criança de modo a guiá-la pelos “melhores caminhos da vida”. Com a noção de protagonismo infantil, fui compreendendo a necessidade de pensar na convivência mais democratizada entre adultos e crianças. E com isso, apreendi a ideia de que toda atividade pedagógica é imbuída de intencionalidade, que as atividades precisam se constituir de significados para as crianças porque a partir disso, elas podem construir outros sentidos sobre o que fazem. Ao pensar dessa maneira, fui aprendendo que escutar as crianças é um ponto de partida importante. Escutar na perspectiva de dar valor ao que elas dizem, acreditar nas suas construções e hipóteses sobre/para o mundo.

Comecei a compreender o que significava ensinar a partir do eixo “brincadeiras e interações”. O entendimento do professor como mediador saiu do plano abstrato para se materializar nas ações da escola. E o verbo observar passou a ser o principal verbo no ofício da docência na Educação Infantil. Dialogando com algumas professoras no momento em que as crianças estavam brincando no pátio da escola, registrei elementos importantes da criação das crianças a partir de suas brincadeiras de faz de conta. Fui percebendo o modo como interagem, negociam, significam e ressignificam papéis sociais, produzindo e reproduzindo a fala dos adultos, imitando situações do cotidiano familiar e escolar. A partir dessa observação, compreendi a importância da temporalidade para a constituição do brincar, da nossa entrada autorizada ou não pela criança.

Por observar o brincar das crianças, fui captando os nossos desencontros na relação com elas. Muitas vezes, nos preocupamos em nomear a experiência e as crianças se ocupam em viver a existência. Eis um dos desafios que penso enfrentar as professoras. Há uma função social da escola, que é de ensinar, há uma necessidade das crianças, que é de aprender. A questão é pensar como se ensina e o que se pode aprender no encontro do conhecimento científico e o conhecimento do cotidiano pela criança. Parece claro que um não está sem o outro.

Buscando o meu lugar na escola fui peregrinando de sala em sala, das salas de primeiro período, às salas de segundo período e primeiros anos do Ensino Fundamental. Atenta à prática das docentes, refletindo o que eu faria se estivesse no lugar delas, o que faria semelhante, o que faria diferente, me sentindo ainda deslocada no ambiente da sala

de aula, às vezes angustiada por não me sentir incluída, enturmada, participante daquele processo educativo.

Entre prazer/desprazer, o mal-estar, instalado em algumas situações do cotidiano, resultou em transformação de uma situação incomoda em algo produtivo. Eu não era bem-vinda em algumas turmas. O que fazer com isso? Decidi por me colocar de outro modo na relação com o outro. Não apenas lamentar por não ser aceita, ou por causar incômodo a algumas professoras, mas me abrir para aprender. E nessa mudança de postura, encontrei-me com o desejo, a arte e duas professoras que ilustram a ideia de Larrosa sobre o conceito de experiência, bastante tratado em vários textos. Experiência como aquilo que nos toma, nos atravessa, que extrapola o fato em si, mas das marcas dos encontros. Naquele encontro com as professoras, eu sabia que não se tratava de trocar experiências, não no sentido de intercâmbio, afinal, trocar experiências não faz parte de uma lógica operacional. Mas, de algo que acontece.

1.3 O desejo, as professoras, a arte

Enquanto as coisas se apresentavam suspensas, por ainda se definirem, me deparei com algumas figuras icônicas. Uma destas foi a tia Nil, carinhosamente assim conhecida por todos na instituição. Nilcéia Jenevain, professora do projeto “Histórias e Canções”, cantora, compositora, musicista, contadora de histórias, “inventora de moda”, sonhadora e “fazedora de sonhos” e fantasias para todos que a conhecem. Tive a sorte de conhecê-la! Tornou-se uma amiga e conselheira. Vi no modo como essa professora realiza o seu ofício, uma possibilidade.

Oficialmente, Patrícia, professora regente e efetiva, tornou-se a minha orientadora. Ela foi outra figura importante que tive o prazer de estabelecer uma relação de amizade e compartilhamento de docência com a turma do 1º período B do turno da manhã. A turma me recebeu de maneira carinhosa e me trouxe ensinamentos que, provavelmente, vou levar por toda a vida. Com esta turma vivi os melhores momentos da residência na Instituição de Educação Infantil. Finalmente, eu compreendia o verbete: docência compartilhada. Finalmente, pude me arriscar a dizer e a errar, finalmente, havia ali uma escuta democrática e sensível. Talvez ali, eu tenha experimentado, a partir do mês de setembro o “chão da sala de aula”. E gostei muito!

A partir desse encontro, fui assistindo a teoria se materializar e a conversar com a prática pedagógica. Patrícia me ensinou a sentar em uma roda de conversa com as crianças

e a me fez crer na importância de se colocar no plano do olhar das crianças e a fazer do corpo uma porta para o diálogo. Ensinou também a contar histórias encantadas e a me fez compreender a importância da pausa, do silêncio, do olhar e do gesto. Com essa experiência, aprendi o valor da pergunta e me coloquei disponível para fazê-las. Entendi que o movimento de formulá-las para sondar as hipóteses delas sobre os mais diversos assuntos com as crianças, é mais importante que a resposta pronta, acabada. Aprendi a pesquisar com as crianças o que não sabíamos, a produzir cartazes e gráficos com elas, enfim, construir o conhecimento a partir da partilha. Reaprendi a brincar, despertei a criança que havia dentro de mim e não me espantei com isso.

É interessante notar que ao nos tornarmos adultos nos parece estranho lembrar que um dia fomos crianças. Agimos como se esse período da vida não tivesse existido. Costumo dizer que quando nos percebermos adultos demais ao lidar com nossas crianças (com muitas regras, imposições, cobranças e punições), que possamos retornar ao tempo da infância, buscando sensações e emoções vividas. Quem sabe buscar recordar a sensação de ser criança em um mundo que, quando pequenos, nos parecia grande demais. E por vezes, repleto de afeto e proteção, mas também, para muitos, de horror e insegurança.

Sempre achei certo clichê quando escutava a frase que mestre não é aquele que somente ensina, mas aquele que de repente aprende. E o meu modo de pensar a docência era um tanto reto, ao professor caberia a resposta e, não necessariamente, a pergunta. Mas pude ensinar/aprender a partir das diversas experiências no cotidiano com aquela turma. As várias linguagens de que nos falou Malaguzzi, foram experimentadas: oral, escrita, gestual, corporal, artística, movimentos de expressão que foram valorizados e mediados. E, já um pouco distante desse campo que constituiu a minha formação, pude formular a ideia de que a vivência do cotidiano fez toda a diferença para a minha formação.

Fiquei, durante alguns meses, me correndo para pensar na proposição para finalizar o curso de residência docente. Isso porque, como mencionado anteriormente, eu ainda não havia me encontrado na escola. No início desta narrativa, assumi a dificuldade para pensar e planejar algum tipo de intervenção que fizesse alguma diferença na vida da escola. Eu pensava em estratégias grandiosas, ou achava que elas precisariam ser. Pensava em ideias mirabolantes, que trouxessem a novidade. Afinal, até ali, eu me movia com a suposição de um saber, o que com a ideia de que: “isso, a escola já faz”. Com o processo

de imersão e reflexão, fui compreendendo que não há repetição da ação, a novidade se faz na invenção e reinvenção do cotidiano com as crianças.

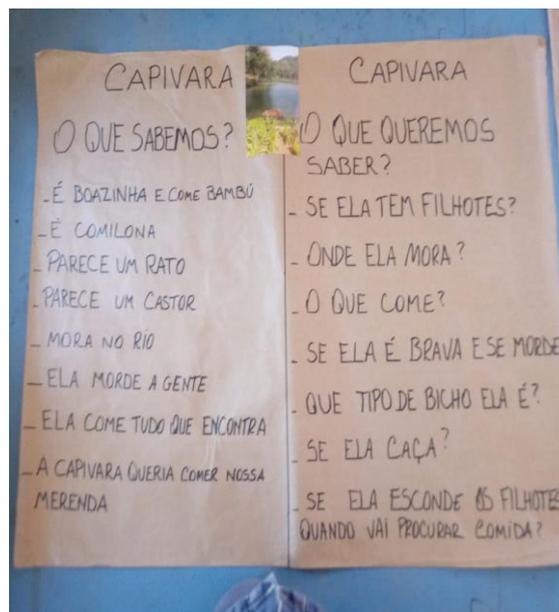
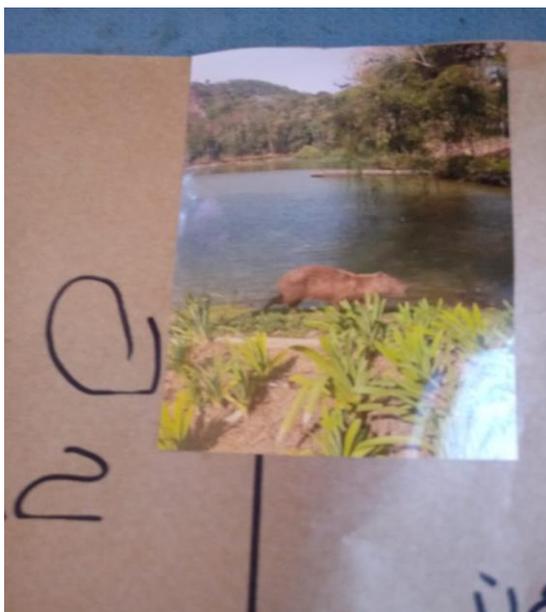
Foi então que me ocorreu uma ideia de, a partir de um passeio que fizemos com elas no Parque da Lajinha, construir um projeto de trabalho com base em algo que tivesse despertado o interesse das crianças para aquele lugar.

Não sou da cidade de Juiz de Fora. Descobri que o Parque da Lajinha oferece várias opções para se pensar em alguma intervenção. Exercitei o olhar atento para aquela experiência: o planejamento do passeio, a organização do piquenique, os elementos a serem levados, o contato com as famílias, a euforia das crianças, as perguntas, as singularidades, as histórias que circulavam antes da chegada, as lembranças de algum encontro da família no parque.



No dia da visita, para nossa surpresa, saiu do lago uma capivara e causou um alvoroço entre as crianças. O animal ficou observando o nosso movimento, o piquenique, como se quisesse participar daquela refeição. Depois, retornou ao seu habitat natural e foi viver sua vida de animal silvestre como qualquer outro. Porém, quando retornamos para escola, o assunto por vários dias foi a capivara. Este foi o gatilho para iniciarmos um projeto que rendeu alguns desdobramentos.

Percebendo o interesse das crianças por este roedor, decidimos pesquisar junto com elas sobre o animal em questão. Depois, a partir de livros infantis com histórias tendo outros animais silvestres como personagem foi despertado o interesse delas para pesquisa sobre jacarés, cobras, jabutis e outros. Os desdobramentos foram surgindo e o projeto foi tomando novos rumos, novos conhecimentos mediados e o mais importante, as crianças participando com muita implicação em cada fase do projeto.



Ensinamos sobre o Meio Ambiente, Poluição, Sustentabilidade, Coleta Seletiva e Reciclagem. Este processo resultou na apresentação de um trabalho no Colégio de Aplicação João XXIII para a disciplina de Seminários da Educação Básica e Contemporânea.

A confecção de cartazes coloca as crianças em contato com a escrita. O professor faz o papel de escriba e o texto é ditado por eles. De certa forma, é a descoberta de que o que falamos pode ser registrado. Um momento muito interessante foi a pesquisa na internet. Houve boa participação deles para prestar atenção no que estávamos procurando saber sobre os animais silvestres.



Os desdobramentos proporcionaram um ambiente educativo muito rico, pois a partir da proposta da pesquisa sobre como ajudar o planeta a não ficar tão degradado pela poluição causada pela ação da humanidade, foi possível ensinar conceitos para reutilizar e reciclar materiais que normalmente vão para o lixo.

Esta forma de reproduzir a cena observada no Parque, foi sugerida pela coordenadora pedagógica Maria da Glória (tia Glorinha), que inclusive forneceu os materiais utilizados pelas crianças. Projetos de trabalho demandam a participação da comunidade escolar. Muitas sugestões enriquecem o nosso trabalho e favorecem a construção do conhecimento. Outro momento especial foi a confecção de uma árvore a partir de sucatas. Estávamos em um período de coleta de jabuticabas (a escola possui 2 jabuticabeiras no pátio), as crianças estavam em polvorosa pedindo para colhermos as frutinhas para elas comerem, então aproveitamos este momento para inserir no projeto o tema reciclagem de materiais.



Em todo este processo, tive a colaboração da professora regente da turma para pensar junto comigo as possíveis intervenções a partir de cada etapa. Aprendi com esta experiência que o trabalho por projetos é uma forma de abrir o espaço para o diálogo e trazer a criança para a cena do processo. Partindo da curiosidade da criança, trabalhar a partir de projetos traz a valorização da criança, permitindo emergir situações de narrativas e ludicidade, de muito aprendizado, escapando da dimensão mecânica e apenas “conteudista” na experiência com o conhecimento.

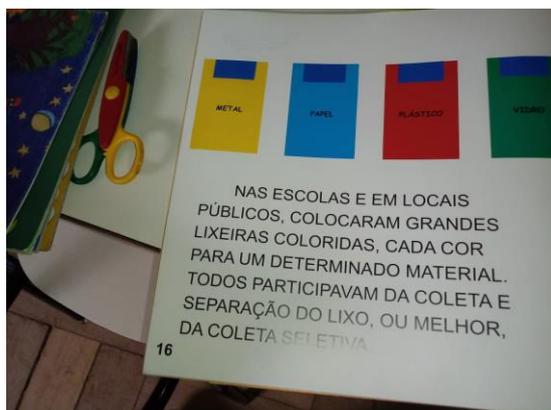
Todo o projeto foi pensado e ancorado em livros de literatura infantil como base para pesquisa das crianças junto com as professoras. Rodas de conversas e atividades cheias de criatividade se seguiram no cotidiano escolar até o final do ano letivo. O Projeto ainda na fase de andamento, quando abordamos o tema Poluição, fizemos uma representação do rio Paraibuna que veremos a seguir:



Pedi as crianças que jogassem lixo no rio sem a preocupação com o que aconteceria. Papel, plástico, garrafa pet, latas de refrigerante e outros objetos foram lançados no rio. Depois perguntei o que aconteceria com os peixes por causa do lixo que estava ali? Então começaram a virar os peixes do outro lado e disseram que os peixes estavam morrendo. Alguns deles lembraram de reportagens que falavam de peixes presos dentro de sacos plásticos e garrafas pet, tartarugas marinhas que comeram plástico e morreram. Neste momento exibimos um vídeo de animação que retratava estes problemas ambientais. Logo após, solicitamos que limpassem o rio, retirando o lixo e jogando nas latas com as cores que separavam cada material. Desta forma, trabalhamos a Coleta Seletiva.



Como havia afirmado anteriormente, todos estes conceitos foram trabalhados a partir da leitura feita com as crianças, com o material previamente escolhido na biblioteca da escola.



Trabalhamos com materiais recicláveis para confeccionar com as crianças alguns brinquedos e atividades artísticas com dobradura de papel e desenhos.



PIÃO FEITO DE CDS E BOLINHAS DE GUDE



Os diálogos desenvolvidos nestes momentos foram de grande importância para sondar os conhecimentos prévios e a visão de mundo. Ouvir o que as crianças têm a dizer faz parte de uma educação democrática. O trabalho desenvolvido na turma do 2º período C do turno da tarde obteve resultados significativos, pois houve um bom envolvimento das crianças nas propostas de utilização de materiais recicláveis na construção de brinquedos e outros objetos de decoração (árvore de natal feita de garrafa pet e enfeites de papelão de caixa de ovos).



As etapas do projeto foram experimentadas nas duas turmas, mas como cada sala e seus habitantes são diferentes os resultados das intervenções foram adaptados para funcionarem de acordo com o público-alvo. Penso que este é um dos propósitos da educação, respeitar a diversidade e oferecer múltiplas possibilidades em um mesmo conteúdo.



Estas etapas foram desenvolvidas na turma do 1º Período B do turno da manhã. No 2º Período C do turno da tarde de outra professora, experimentei o projeto do Meio Ambiente com a turma. Tivemos êxito em algumas etapas do processo, porém ficou claro que cada turma reage de forma diferente e a proposta precisou de flexibilizações e adaptações. Isso porque minha participação na sala de aula sofreu mais resistência da turma da tarde. Mas não demorou muitos dias para que eu conquistasse a confiança das crianças.

Após esta fase de negociação, elas passaram a lidar comigo como mais uma docente naquele ambiente escolar. Minha memória episódica⁴ me levou a escrita deste texto com muitas reflexões da prática docente. A memória semântica⁵ me permitiu fazer uma tradução textual de experiências vivenciadas. Evidentemente ao relembrar os fatos e refletir sobre os mesmos, temos uma visão modificada dos acontecimentos e narramos a partir deste ponto de vista. Além disto, temos um recurso muito usado, principalmente na Educação Infantil, que é o registro através da fotografia. Utilizei este recurso com muita propriedade para não perder os estilhaços da memória de todo esse processo educativo.

A docência na Educação Infantil exige da professora competência teórica, metodológica e relacional (BARBOSA, 2010). No contexto das instituições, é preciso valorizar as experiências,

⁴ A memória episódica é definida como a memória de acontecimentos e experiências pessoais, situada no tempo-espaço da sua aquisição. A característica básica da memória episódica é que ela permite a lembrança consciente de uma experiência anterior, o evento em si (o que), e quando, mas também na experiência subjetiva. Memória episódica é a única forma de memória que, no momento de recordação, está voltada para o passado (EUSTACHE; DESGRANGES, 2008).

⁵ A memória semântica é aquela que traduz as lembranças em forma de texto. Por vezes denominada memória genérica, refere-se à memória dos significados, compreensão e a todas as formas de conhecimento baseado em conceitos (EUSTACHE; DESGRANGES, 2008).

as brincadeiras e as interações sociais. As crianças vivenciam os currículos não somente por meio de atividades dirigidas, mas, principalmente, a partir das vivências, experiências e interações entre pessoas e artefatos, contribuindo, assim, com o processo de desenvolvimento de suas linguagens verbais, gestuais, musicais, dentre outras, bem como com as conquistas de suas formas particulares de se comunicar e expressar.

2. Reflexões teóricas das vivências como residente: o eu e os outros

No segundo momento deste trabalho, trago ao leitor a ancoragem teórica que justifica a escolha desta narrativa e o conceito que embasa toda a experiência vivenciada na formação oferecida pelo programa de Residência, a partir de um olhar crítico e reflexivo. É a partir do conceito de “vivência” proposto por Vigotski que tenho a intenção de referenciar teoricamente o meu trabalho. Isso porque compreendo que algo me impactou, me transformou e modificou sobremaneira o meu olhar para a docência na/da Educação Infantil.

A teoria Histórico-Cultural tem em Lev Semyonovich Vigotski seu principal expoente. Vigotski nasceu em 5 de novembro de 1896, em Orsha, antiga União Soviética. Aos 38 anos, em 11 de junho de 1934, morreu de tuberculose, doença que o debilitou durante catorze anos. Deixou muitos livros, artigos e manuscritos não publicados e tinha grande interesse pela literatura, teatro, arte e crítica literária, o que foi determinante na constituição de seu contexto pessoal e social. Nesse processo, interessou-se pelo campo da psicologia. Desta forma:

Foi um mérito – e não um demérito – para Vygotsky ter passado da crítica literária e da educação para a psicologia. Sem dúvida é um tributo à sua formação o fato de que suas ideias eloquentes, mesmo que às vezes místicas, continuem a nos fascinar na busca de nossa própria síntese de ideias. (VAN DER VEER; VALSINER, 2009, p. 47).

O teórico russo viveu em um tempo histórico em que as relações sociais, a economia, a política, a literatura, as ciências, na antiga União Soviética, passavam por um processo de transformação, de revolução. Em seu contexto social havia a valorização da ciência e buscava-se a solução dos problemas sociais e econômicos. Em sua essência, Vigotski apresentou uma teoria do homem, buscando identificar sua origem e formação, a partir daí entende o homem como ser racional, com o controle sobre seu destino, “[...] e emancipa-se para além dos limites restritos da natureza” (VAN DER VEER; VALSINER, 2009, p. 211).

Vigotski considerava diferenças fundamentais entre animais e seres humanos, entendia que tais diferenças estavam ligadas à cultura humana. Os animais estão ligados e dependentes da herança genética, enquanto o homem transmite e domina os produtos

da cultura, assim, em decorrência disso, ao dominar a cultura na/pela interação social com seus pares, a humanidade internaliza os traços que a caracterizam humana.

A proposta da Residência é oportunizar um “meio” de “vivência” no cotidiano escolar com a finalidade de aprendizado na prática da sala de aula. Podemos concordar que uma docência compartilhada tem muito a acrescentar na formação continuada do professor. Na perspectiva histórico cultural segundo Vigotski, o homem é um ser social que, fora da interação com a sociedade, nunca desenvolverá em si qualquer qualidade e/ou propriedade que desenvolveria como resultado do desenvolvimento sistemático de toda humanidade.

No texto, “Quarta aula: A questão do meio na Pedologia”, Vigotski explicita as bases epistemológicas sobre o desenvolvimento humano e a influência do meio/cultura na formação e no desenvolvimento da criança. Ainda que a questão central do texto seja o desenvolvimento humano, vou me apropriar do conceito de vivência, que de alguma maneira me auxiliou a compreender a constituição da docência na Educação Infantil na escola Professor Carlos Alberto Marques.

A vivência de situações de troca de conhecimento, as interações estabelecidas entre os pares resultam em um aprendizado que muda uma forma inicial para uma forma ideal. De que forma estou falando? Um professor recém-formado sendo orientado por um professor veterano em uma docência colaborativa amplia seus conhecimentos e gradativamente transforma-se em um profissional ideal. O meio cultural desta vivência tem papel fundamental neste processo.

De acordo com os estudos de Vigotski *a vivência é uma unidade na qual, por um lado, de modo indivisível, o meio, aquilo que se vivencia está representado* – a vivência sempre se liga àquilo que está localizado fora da pessoa – e, *por outro lado, está representado como eu vivencio isso*, ou seja, todas as particularidades da personalidade e todas as particularidades do meio são apresentadas na vivência, tanto aquilo que é retirado do meio, todos os elementos que possuem relação com dada personalidade, como aquilo que é retirado da personalidade, todos os traços de seu caráter, traços constitutivos que possuem relação com dado acontecimento. Dessa forma, *na vivência, nós sempre lidamos com a união indivisível das particularidades da personalidade e das particularidades da situação representada na vivência* (PRESTES; TUNES (orgs.), 2018, p. 73-92).

Todo este embasamento teórico me levou a reflexão de como vivenciei certas situações na instituição de Educação Infantil e a contribuição da escola enquanto “meio” de desenvolvimento da docência. Em um encontro com o Dr. Professor Antônio Nóvoa,

na UFJF para uma palestra sobre formação inicial e formação continuada de professores, este célebre autor de vários títulos sobre o tema nos brindou com uma fala sobre a importância da Residência Docente. Segundo Nóvoa, todos os recém-graduados deveriam passar por esta vivência antes de assumirem definitivamente a profissão.

A partir de minha vivência na busca por compreender o lugar da docência em uma escola e a partir dos estudos de Vigotski, reitero que o meu percurso e o modo como me inseri no contexto escolar tem a ver com minhas peculiaridades, que são interpessoais e intrapessoais.

No prólogo deste trabalho, faço uma consideração a respeito do meu entendimento do professor como mediador do conhecimento. Retomo este assunto para falar do ponto de vista teórico. A responsabilidade da mediação⁶ docente está em alcançar os meios para as crianças transformarem e resinificarem experiências de linguagem instauradas em seu grupo social. Aprendemos juntos a transformar em nós sentidos para significar a convivência e, assim, compartilharmos um mundo comum. Nesse sentido amplo, as crianças não só aprendem, mas também nos ensinam. Aprendemos/Ensinamos no enfrentamento da imprevisibilidade do viver cotidiano.



Figura 1 - Tirinha de Quino, retirada do livro Toda Mafalda, de 1993, p.84

A tirinha de Quino, cartunista, consegue atualizar a relação adulto-criança no mundo contemporâneo. Isto faz-nos refletir, por meio da contundente constatação de sua personagem Mafalda, que a complexidade do ato de educar crianças e jovens está no encontro entre dois tempos diferentes. Por isso, para Fernando Bárcena (2012), apesar de nossa formação cultural ter a ver com tudo que nos acontece, é na distância temporal entre adultos e crianças, entre as realizações culturais e o próprio presente que a educação se

⁶ Ser docente na Educação Infantil: entre o ensinar e o aprender / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. - 1.ed. - Brasília: MEC /SEB, 2016. 128 p.: il.; 20,5 x 27,5 cm. - (Coleção Leitura e escrita na educação infantil; v.2).

efetiva, já que se instala prioritariamente nesse “entre” – “entre os velhos e os jovens, entre os adultos e as crianças, entre tu e eu.

Não teria como dizer de forma diferente o que está referenciado acima. Minha experiência na Educação Infantil está fundamentada no processo de ensinar-aprender-ensinar, um conceito complexo para ser vivido na concretude da ação. Cada momento desta escrita me leva a reflexão sobre a formação docente inicial e a continuação desta a partir da prática no cotidiano escolar. Quando estamos na graduação, estudando as metodologias e a didática, as leis educacionais e uma série de outros conteúdos que fazem parte do currículo do curso de Pedagogia, temos a sensação de que sairemos prontos para atuar como educadores. Mas a realidade da sala de aula nos mostra o quanto precisamos aprender, aprender, aprender.

O processo formativo é perpassado por nossa subjetividade, que se faz no encontro do eu e da cultura, nos sentidos e nos afetos, na relação da consciência com o meio social. Ao fazer tal afirmativa recaio no conceito de vivência segundo Vigotski, quando este afirma que nossas particularidades influenciam nosso comportamento diante das situações pelas quais passamos no cotidiano. Para Toassa (2011), avançar cientificamente no conceito de vivência pode permitir as explicações sobre como professores e alunos na relação com o meio social vivem situações afetivas que são determinantes para o desenvolvimento de suas consciências e, conseqüentemente, para o futuro dos processos educativos dos quais fazem parte.

2.1. “Vivenciar” significa viver

Vou recorrer a minha memória episódica. Comecei com muita insegurança e com alguns conceitos equivocados a respeito de infância e criança. Durante a graduação foquei em processos de alfabetização, planejamento de aulas, avaliação e outros parâmetros que me faziam pensar que ser professor consistia apenas em aplicar o conteúdo do currículo. Quando me deparei com um conceito de educação infantil trazendo a criança como protagonista da construção do próprio conhecimento a partir da mediação do educador confesso que fiquei um pouco perdida e sem saber como agir diante desta realidade. Talvez a minha concepção de educação ainda estivesse fundamentada na pedagogia tradicional, em que o professor decide sobre tudo e o aluno apenas absorve o conhecimento.

Foi necessário entender, não sem uma dose considerável de sofrimento, que ser docente na Educação Infantil é estar “entre o ensinar e o aprender”. Isso requer dos professores o reconhecimento do valor da experiência de pensar coletivamente. Um processo que convida à democratização das decisões. Nesta perspectiva, a Residência Docente foi fundamental, pois a proposta de uma docência compartilhada, de uma pesquisa colaborativa, de uma troca de conhecimentos entre os pares, transformou o meu olhar durante o processo. Concordo com Richter (2016)

“Nossa história, na coletividade, configura-nos, impregna-nos de sentidos e nos faz sentir o mundo de modo singular e plural ao mesmo tempo. Singular porque esta vida é minha vida, neste lugar e neste tempo que particularizam meu imaginário e minha percepção, meus humores e amores, meus saberes e meus fazeres, enfim, porque é única. Plural porque compartilho com aqueles com quem convivo uma história de valores, sentimentos, língua, ideias, modos de morar e de vestir, crenças e hábitos. Na convivência, juntos, participamos de uma rede de significados e nela significamos nossas particularidades ”

Pensar a formação cultural do professor é pensar na trama que vai constituindo o seu ofício na temporalidade e na relação com os outros. A partir de compreender as palavras da citação acima, senti a necessidade de trazer neste trabalho o depoimento dos meus colegas de Residência para ilustrar o que foi este Programa para outros colegas, que compartilharam comigo essa experiência pioneira no âmbito da UFJF, não apenas numa perspectiva individual, mas sobretudo, coletiva.

Elaborei três perguntas: *O que a Residência Docente agregou à sua carreira profissional? Qual foi a importância e o que significou este Programa para você?* Os residentes se mostraram abertos a responderem as questões. Não tive a intenção de analisar as falas aqui descritas, mas de defender a concepção de que a docência se constrói a partir de muitas tramas e as vozes dos colegas residentes não poderia estar ausente desse trabalho.

“Professores se sentem muito angustiados por não saberem lidar com coisas que fogem a rotina ‘normal’ de sala de aula, onde a preocupação deveria ser ‘apenas’ o que, por que e como ensinar, pensando no que aprendemos na graduação (o que já é complexo o bastante). Contudo, embutido nessas três perguntas se assentam questões sociais, de classe, de gênero, de etnia e também biológicas. Pessoas têm capacidades físicas e intelectuais distintas. E aí, o que ensinar considerando todos esses aspectos? E como? A formação inicial tem os seus limites. No meu caso, por exemplo, não tive nenhum contato com a Educação especial na perspectiva inclusiva. A grande contribuição da Residência foi viver a práxis, ou seja, ter tempo para unir teoria e prática. Praticar refletindo e

refletir praticando sobre diversos temas e assuntos, incluindo a educação especial. A Residência então se configura para mim como um importante espaço de formação continuada, onde se alia teoria e prática, onde se aprende com professores mais experientes que não existem fórmulas, mas existem caminhos mais possíveis que outros, onde se experiencia o ser professor sob o suporte e orientação de quem está a mais tempo naquela função, trocando aprendizados em uma colaboração riquíssima. Quem dera que todos os professores pudessem passar por uma experiência formativa como essa! Com certeza teríamos outros profissionais e outra educação”. **(Ma. Ana Carolina Costa Resende – Residente da Licenciatura de Biologia)**

“Todo processo da Residência me fez amadurecer muito como profissional e como pessoa. Ter a oportunidade de conviver com práticas pedagógicas de excelência em uma escola que nos acolheu tão bem, me fez compreender o quão importante é esse processo e quão bom seria se mais pessoas pudessem participar. Cresci muito com meus amigos residentes, que mesmo em início de carreira, contribuíram tanto para minha formação, além de me estenderem sempre as mãos quando a jornada parecia extrapolar as 60h. Sou muito grata pela oportunidade e pela experiência que levarei comigo! ”. **(Raniele Eveling de Resende – Residente da Licenciatura de Letras – Línguas estrangeiras – espanhol)**

“A Residência Docente é um projeto inédito da Universidade Federal de Juiz de Fora no âmbito educacional para a formação dos profissionais docentes, que tem por intuito promover a imersão na rotina escolar. Dessa forma o colégio de aplicação oferece o espaço ideal para essa atuação, considerando que o João XXIII tem como um de seus objetivos principais o compromisso com a formação de professores. Além disso, oferece a possibilidade de orientação através de profissionais capacitadíssimos, com os quais enriquecemos o nosso processo formativo e colocamos em debate e reflexão novos temas pertinentes à área educacional. Portanto, a aplicação do programa no João XXIII possibilita ganhos tanto para o residente, que estará imerso em um centro de referência, quanto para o colégio, reforçando o seu propósito. Em primeiro lugar, destaco a proposta geral do programa. Confirmando, na minha posição, que o objetivo do projeto está sendo atingido e essa tem sido uma vivência transformadora na minha formação e no meu entendimento do que é ser um professor. Ao iniciar o programa, considero que a acolhida que recebemos pelo colégio importantíssima para o decorrer da nossa atuação. Todos os setores escolares nos receberam muito bem e rapidamente já estávamos inseridos na rotina do colégio. Destaco o acolhimento dos profissionais responsáveis pela coordenação do projeto tendo em vista que os problemas e as dúvidas que surgiram no início do programa com relação ao pagamento, a carga horária, as nossas funções, entre outras foram sanadas com a devida atenção e quando não eram prontamente resolvidas estabeleceu-se um espaço aberto para o diálogo, sempre nos mantendo informados sobre as possíveis resoluções de nossos questionamentos. Ressalto ainda, a acolhida dos departamentos. Todos os professores, em especial, os docentes de Língua Portuguesa, me receberam muito bem. Deixaram-me muito confortável para atuar conjuntamente, participando de planejamentos, debates sobre o currículo e reuniões. Posso dizer que ao entrar no colégio, na condição de residente, as minhas orientadoras me acolheram da melhor forma possível. Assim que entrei, fui muito bem orientada e contextualizada no que tange ao funcionamento do colégio e das aulas. As minhas orientadoras sempre me deram muita liberdade para atuar em sala e propor projetos e atividades. Ressalto que sempre tiveram o cuidado de me instruir sobre todas as questões para que eu me sentisse confortável e segura em sala. Além disso, todo o planejamento é feito em conjunto e há abertura para que eu possa me

posicionar e contribuir. A relação que se estabeleceu tem contribuído efetivamente para a minha formação visto que posso me colocar como professora, aprendiz e colega de profissão. Tal postura, possibilitou que a residência significasse para mim uma oportunidade riquíssima para colocar em prática o que eu vivenciei na faculdade, refletindo sobre o meu processo de formação e construindo minha identidade docente. Para mim, a relação de parceria com as orientadoras foi primordial para esse desenvolvimento, pois enquanto eu me reconhecia enquanto professora, podia também trocar conhecimentos com profissionais extremamente qualificados e experientes. Com eles, aprendi questões que vão além de aspectos metodológicos, questões que perpassam o amor pela profissão até o conhecer o nosso aluno. Enfim, vivenciei com eles a sensibilidade que se exige ao entrar em uma sala de aula. Ressalto positivamente também a atuação dos orientadores e dos professores responsáveis pelas disciplinas da pós-graduação, uma vez que a proposta foi muito bem pensada no sentido de que complementam a nossa formação e reforçam a reflexão sobre a prática docente”. **(Bruna Carolina de Melo Souza – Residente da Licenciatura de Letras – Língua Portuguesa)**

“A Residência Docente foi uma quebra de paradigmas. Como Pedagoga e atuante na área da educação infantil há 10 anos, sempre desconsiderei a possibilidade de lecionar no primeiro ano do ensino fundamental. É a fase mais importante da escolarização e se for mal direcionada a criança pode carregar as falhas até o fim de sua vida. Sempre tive receio de ser uma professora alfabetizadora por ter a consciência desse importante trabalho, porém, hoje, com a vivência que tive na Residência, posso afirmar que o receio do erro e do fracasso já não me assustam mais. Me sinto preparada para os desafios que a alfabetização e a profissão proporcionam diariamente a nós PROFESSORES”. **(Catielen dos Santos Castro – Residente da Licenciatura de Pedagogia – Anos iniciais)**

“Ter passado o ano de 2019 inteiro imersa no programa de Residência Docente foi uma experiência que eu nem imaginava que pudesse existir. As inseguranças, desconfortos e desesperos que a gente ganha junto ao diploma de graduação puderam ser diluídas na vivência com professores experientes e alunos das mais variadas idades abertos a participar da nossa formação. Já no final desse processo, o desejo era que todos os professores recém-formados pudessem ter essa oportunidade de troca, aprendizado e contribuição em um espaço com todo o amparo que todos os profissionais deveriam ter. Estar em meio a um grupo diverso de residentes, cada um representando a sua área, mas todos com um olhar em comum destinado à educação dialógica, libertadora e inclusiva foi de fundamental importância para minha formação enquanto professora. Os encontros que a residência proporcionou serviram de alimento para esperança e força para continuar na luta por uma educação verdadeira e de qualidade”. **(Lígia Gonçalves Costa – Residente da Licenciatura de Artes)**

” A Residência Docente foi, para mim, uma surpresa! Cheguei sem realmente saber o que esperar desse Programa e acho que não foi diferente com ninguém que tenha participado dessa primeira experiência. Uma surpresa em todos os sentidos! A primeira turma é sempre um desafio, nem tudo se encaixa perfeitamente, os ajustes muitas vezes precisam ser feitos ao longo do processo, outras vezes nem podem ser feitos. Mas o que vai ficar dessa vivência para mim, para minha vida pessoal e profissional, são os grandes aprendizados que tive durante esse um ano.

Penso que essa riqueza de conhecimentos só foi possível pela diversidade: de cursos, de saberes, de vivências! Trocar através de uma infinidade de assuntos com outros recém professores e, também, com professores que possuem muitos anos de carreira, de áreas

distintas, com formações completamente diferentes me fez crescer, evoluir como professora e como ser humano. A Residência Docente teve um papel único na minha trajetória. Aprender na prática, com suporte, com diálogo e com reflexão é fundamental para a profissão docente. Não se ver como um professor recém-formado, solitário na sala de aula deveria ser um requisito básico para o nosso trabalho. Por isso, me sinto privilegiada em poder ter participado desse Programa tão importante! Espero que a nossa turma também tenha contribuído para que essa experiência possa ser ainda melhor para os próximos residentes”. **(Suzanne de Campos Pereira – Residente da Licenciatura de Geografia)**

“A Residência Docente veio trazer novas experiências e saberes à minha vida profissional, no Colégio de Aplicação João XXIII/UFJF, tive a oportunidade de aprender mais sobre as humanidades que envolvem a prática docente, que muitas das vezes, não é evidenciada na formação inicial. Esses aprendizados passaram a ter grande importância não só na minha carreira, mas na minha vida pessoal também. São conhecimentos e ações que me formaram quanto pessoa humana e profissional da licenciatura e que de agora em diante irão compor minhas ações, aonde eu estiver, seja ainda na academia buscando sempre uma formação contínua ou seja na sala de aula, tentando vivenciar tudo que aqui aprendi com os professores e colegas residentes. Se pudesse resumir em uma expressão o que significou esse processo na minha vida, seria: Ressignificação profissional.” **(Ma. Priscilla Lúcia Cerqueira de Aragão – Residente da Licenciatura de Química)**

“Antes de entrar na residência já havia trabalhado por três anos no ensino básico em colégios públicos. Sempre foi muito difícil organizar os conteúdos e ministrar as aulas nesse período. Hoje, ao final da residência, percebo o quão complicado é uma gestão de sala de aula, independente da escola. Neste um ano acompanhando e ministrando aulas em conjunto com professores experientes, adquiri uma vivência incrível. Sinto-me confiante e ciente das obrigações como docente e das complexidades inerentes da gestão de turma. Os conselhos e orientações, advindas dos professores que acompanhei, foram fundamentais durante a especialização.” **(Me. Paulo Ricardo Ramos Pereira – Residente da Licenciatura de Matemática)**

“A Residência Docente foi capaz de propiciar a nós, professoras em início de carreira, a segurança de não estarmos mais presas à solidão da profissão docente, limitadas a dar conta dos diversos processos somente com as nossas próprias ferramentas, muitas vezes insuficientes, já que estamos apenas começando a experimentar a sala de aula. Por isso, no processo da Residência, foi possível perceber que a formação dos professores deve ocorrer dentro da profissão. Somente neste formato é possível que os docentes mais experientes contribuam com recursos para solucionar as dúvidas, inseguranças e incômodos dos professores em início de carreira. Quando Nóvoa (2009) apresenta a docência como uma das profissões do humano, que lida com as dimensões pessoais e formativas, o teórico ressalta que, por isso, é essencial que "os professores se preparem para um trabalho sobre si próprios, para um trabalho de autorreflexão e autoanálise" (p. 38), sendo necessário reforçar a pessoa-professor e o professor-pessoa, dentro de uma perspectiva auto reflexiva, que vai ao encontro da noção de que é impossível separar as dimensões pessoais e profissionais. (NÓVOA, 2009, p.38). O registro de cada uma das experiências, ao final da Residência, se torna essencial no processo de aquisição da consciência do próprio trabalho e da nossa identidade enquanto professoras. É nesse constante movimento de ação e de reflexão que vamos construindo, em parceria, o nosso Eu enquanto docentes, sem nunca perder de vista a dimensão do Outro, considerando a

própria natureza relacional da nossa profissão. ” (Mestranda Beatriz Resende Lara Pinton – Residente da Licenciatura de História)

“Participar da Residência Docente foi algo que superou as minhas expectativas. Lembrou-me até hoje de quando vi a notícia na página da UFJF e fiquei esperando ansiosa pela divulgação do edital. Assim que isso aconteceu, foi uma correria pra estudar os conteúdos para a prova. A aprovação em cada uma das etapas só aumentava ainda mais o desejo de participar do programa e vivenciar todas as experiências que a Residência me proporcionou. Ao iniciar as atividades encontrei outras 9 pessoas que depois se tornaram 10, que partilhavam do mesmo desejo que o meu: se tornar professora, já que todos já eram, mas muitos ainda não haviam tido muitas ou quase nenhuma experiência por si só em sala de aula. Com esse grupo formado me senti acolhida verdadeiramente, um sentimento que nunca havia sentido nem durante a graduação e nem tão pouco em algumas experiências que tive como professora da rede pública. Partilhamos de muitas das nossas angústias, rimos, nos aconselhamos, choramos com alguns obstáculos que se fizeram presentes em nossa caminhada, mas também vibramos com conquistas nossas e de nossos colegas. Posso dizer que encerro esse ciclo transformada e com muita bagagem para compartilhar com meus pares, assim como com muito orgulho de dizer que esta experiência me tornou verdadeiramente professora e quando digo professora, me refiro a educação básica que é o local que quero estar contribuindo para a formação de cidadãos autônomos e mais críticos, que estarão prontos para defender seus pontos de vista e de lutar por seus direitos sem medo. ” (Marlúcia Pereira da Silva – Residente da Licenciatura de Artes)

Interessante observar que cada um diz de suas singularidades no processo formativo, a importância do Programa, a impotência, a incerteza, a superação da solidão docente, a quebra de paradigma, a importância da práxis pedagógica e a imersão e uma escola de referência como é o caso do Colégio de Aplicação.

As falas me fizeram lembrar de Tardif (2014), quando anuncia que os saberes docentes, advindos das instituições de formação, da formação profissional, dos currículos das instituições de trabalho, da prática cotidiana e das experiências pessoais, são plurais. A prática docente não é pautada em reprodução dos conhecimentos teóricos adquiridos durante a formação, mas, sim, no movimento de desenvolvimento e produção de novos saberes. Nesse sentido, grande parte da formação deveria fundamentar-se nos saberes produzidos, já que são estes os exigidos no exercício da profissão. O autor defende que os saberes produzidos na prática precisam ser valorizados porque são voltados para a realidade das instituições educacionais. Tardif (2014) ainda revela que, quando inseridos no contexto educacional, as professoras e os professores recém-formados percebem que os conhecimentos disciplinares vistos na universidade não se relacionam com a sua ação cotidiana.

Essa relação de exterioridade que associa os docentes aos saberes curriculares, disciplinares e da formação profissional ocasiona uma desvalorização profissional, em consequência da pura execução e alienação docente. Para Tardif (2014), os saberes profissionais passarão a ser reconhecidos a partir do momento em que as professoras e os professores

expressarem suas próprias ideias a respeito dos saberes curriculares e disciplinares e, sobretudo, a respeito de sua própria formação profissional.

Considerações Finais

Retomo a epígrafe que abre a introdução do trabalho para dizer da procura e do encontro. Busquei narrar a vivência do percurso formativo no Programa de Residência Docente da Universidade Federal de Juiz de Fora, refletindo sobre o processo de constituição da docência na/da Educação Infantil. Nessa trajetória narrativa, revelo ao leitor momentos de inquietação, dúvida, questionamentos e êxitos.

Neste caminho, consegui, em certa medida, superar a noção de que não cabe pensar a criança como um ser pueril, inocente e que nada tem a dizer sobre o mundo. Em contrapartida, procurei construir a ideia de um ser que se humaniza na relação com o outro, em um mundo concreto que já existia antes de sua chegada, que busca, a partir da vivência, construir sentidos e consolidar significados sobre o que percebe, aprende. Em síntese, um ser que se encontra em permanente transformação. Parece clichê ainda afirmarmos essa concepção, mas talvez seja ainda porque temos no cenário de nossa realidade a ideia de que a criança é o ser da falta, cuja cronologia temporal demarca o seu desenvolvimento com início, meio e fim, de maneira linear.

Compreendi que é necessário pensarmos em práticas que respeitem as crianças em suas especificidades, necessidades e protagonismos. Nessa trajetória, é urgente pensar nas especificidades da formação do(a) professor(a) que atua na Educação Infantil e na sua necessária valorização profissional.

Diversos documentos publicados pelo Ministério da Educação, assim como legislações específicas, vêm apontando a necessidade de se garantir ao(à) profissional da Educação Infantil direitos já assegurados aos(às) demais profissionais da Educação Básica. Documentos específicos da Política de Educação Infantil também preconizam ser fundamental a valorização do(a) profissional que trabalha com essa etapa educacional. Um dos objetivos apontados no documento intitulado "Política Nacional de Educação infantil: pelo direito das crianças de zero a seis anos à Educação" (BRASIL, 2005, p. 20) afirma que se deve "garantir a valorização das professoras e professores da Educação Infantil por meio de formação inicial e continuada e sua inclusão nos planos de carreira do magistério" (ARAÚJO, SANTOS, 2018)

Considerando o percurso no Programa Residência Docente e tudo quanto foi vivenciado ao longo do ano de 2019 e alguns meses de 2020, retomo alguns movimentos que considero importantes. Um olhar mais distanciado da experiência me faz pensar o que poderia ter sido diferente. Acredito que a escola municipal conveniada ao processo

da residência e que ofereceu a oportunidade para uma formação continuada no segmento da Educação Infantil tem a chance de complementar a formação inicial do Pedagogo e acrescentar uma prática de sala de aula que em nenhum estágio obrigatório do curso foi tão efetivo. O professor experiente transmite segurança ao novato e aponta o caminho para prática cotidiana. Conforme as palavras do Prof. Dr. Antônio Nóvoa, a formação continuada de professores só fará sentido quando for coletivamente compartilhada entre os pares. Formação mútua em que um professor ajuda o outro em sua contínua formação docente.

Palavras não são suficientes para dimensionar o que foi vivido, porém elas ajudam a entender, a descrever ainda que de forma incompleta as imagens que carregamos na memória. Nossa história continua após a Residência Docente UFJF, mas com certeza estamos marcados por esta vivência.

Referências

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

_____. Lei nº 9.324, de 20 de dezembro de 1996: Dispõe sobre as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

_____. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Infantil**: pelo direito das crianças de zero a seis anos à Educação. Brasília: MEC/SEB, 2005.

_____. **Lei nº 11.738/2008**. Regulamenta a alínea “e” do inciso III do caput do art. 60 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o piso salarial profissional nacional para os profissionais do magistério público da educação básica. Presidência da República, 16 de julho de 2008.

_____. Conselho Nacional de Educação/ Câmara de Educação Básica. Resolução nº 05, de 17 de dezembro de 2009a. **Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Práticas cotidianas na Educação Infantil - Bases para a reflexão sobre as orientações curriculares**. Brasília: MEC/SEB, 2009b.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Indicadores da qualidade na Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2009c.

_____. Presidência da República. Lei nº 13.005/2014. **Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências, 2014**.

_____. Ministério da Educação. **Conselho Nacional de Educação. Resolução nº 2, de 1º de julho de 2015**. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada, 2015.

CAMPOS, Roselane Fátima. Educação Infantil: políticas e identidade. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 5, n.9, p. 217-228, jul./dez. 2011.

CAMPOS, Maria Malta. Entre as políticas de qualidade e a qualidade das práticas. **Cadernos de Pesquisa** (Fundação Carlos Chagas. Impresso), v. 43, p. 22-43, 2013.

CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO (CONAE). **Documento Final**. Brasília, DF: MEC, 2014. Disponível em: <http://fne.mec.gov.br/images/doc/DocumentoFina240415.pdf>. Acesso em: 08 de maio de 2017.

CÔCO, Valdete. Docência na Educação Infantil: De quem estamos falando? Com quem estamos tratando? In: FLORES e ALBUQUERQUE (orgs.). **Implementação do**

Proinfância no Rio Grande do Sul: perspectivas políticas e pedagógicas. Porto Alegre: EDIPUCRS, p.143-157, 2015.

FERREIRA, Adir Luiz. Possibilidades e realismo crítico da Pesquisa e da Formação: a colaboração entre pesquisadores e professores. In: IBIAPINA, Ivana, M. L. de Melo; FERREIRA, Maria Salonilde; RIBEIRO, Márcia Maria Gurgel. **Pesquisa em educação:** múltiplos olhares. Brasília: Liber livro, 2007.

LIBERALI, Fernanda. C. **Formação crítica de educadores:** questões fundamentais. Taubaté/SP: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2008.

MAGALHÃES, Maria Cecília C. Magalhães (org). **A formação do professor como um profissional crítico:** linguagem e reflexão. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

NUNES, Fernanda (org). **Proinfância e as estratégias municipais de atendimento a crianças de 0 a 6 anos.** 1. ed. Rio de Janeiro: Traço e Cultura, v. 1. 132p, 2015.

VIGOTSKI, L.S. Quarta aula. O problema do meio na pedologia. In: PRESTES, z.; TUNES, E. (org.) *7 Aulas de L. S. Vigotski sobre os fundamentos da pedologia.* Rio de Janeiro: E-Papers, 1935/2018, p. 73-92.

TOASSA, Gisele. Emoções e vivências em Vigotski. Campinas, SP: Papirus, 2011.